

# TRIEB E NATURALISMO EM FREUD E NIETZSCHE

TRIEB AND NATURALISM IN FREUD AND NIETZSCHE

TRIEB Y EL NATURALISMO EN FREUD Y NIETZSCHE

Ísis Lopes Zisels<sup>1</sup>

Resumo: Esta pesquisa teórico-conceitual explora as convergências e divergências entre as perspectivas naturalistas de *Trieb* presentes nos escritos freudianos de 1895, 1905 e 1915 e nas obras nietzschianas publicadas em 1872, 1882 e 1887. Para tanto, realiza-se uma análise detalhada do naturalismo darwinista, que norteou a formulação da terminologia na metapsicologia freudiana, bem como do naturalismo antidarwinista de Nietzsche, que fundamentou, de maneira precursora, o conjunto de impulsos inconscientes associados ao conceito de *Trieb*. Além disso, examinam-se as diferenças no modo como cada autor concebe o vínculo entre instinto, cultura e subjetividade. O debate entre Freud e Nietzsche propicia o esclarecimento das raízes científicas e filosóficas da expressão germânica, permitindo uma compreensão mais ampla das concepções de “ser humano” e “natureza” que permearam e moldaram o espírito da época, fomentando, de maneira decisiva, o surgimento da psicanálise como campo autônomo de saber.

Palavras-chave: Freud. Naturalismo. Nietzsche. *Trieb*.

*Abstract: This theoretical-conceptual research explores the convergences and divergences between the naturalistic perspectives on *Trieb* found in Freud's writings from 1895, 1905, and 1915, and in Nietzsche's works published in 1872, 1882, and 1887. To this end, a detailed analysis is conducted of Darwinian naturalism, which guided the formulation of terminology in Freud's metapsychology, as well as Nietzsche's anti-Darwinian naturalism, which, in a pioneering manner, underpinned the set of unconscious impulses associated with the concept of *Trieb*. Furthermore, differences in how each author conceives the relationship between instinct, culture, and subjectivity are examined. The dialogue between Freud and Nietzsche provides clarification regarding the scientific and philosophical roots of the German term, allowing for a broader understanding of the conceptions of “human being” and “nature” that permeated and shaped the spirit of that time, decisively fostering the emergence of psychoanalysis as an autonomous field of knowledge.*

Keywords: Freud. Naturalism. Nietzsche. *Trieb*.

*Resumen: Esta investigación teórico-conceptual explora las convergencias y divergencias entre las perspectivas naturalistas sobre el *Trieb* presentes en los escritos de Freud de 1895, 1905 y 1915, y en las obras de Nietzsche publicadas en 1872, 1882 y 1887. Con este fin, se realiza un análisis detallado del naturalismo darwiniano que orientó la formulación de la terminología en la metapsicología de Freud, así como del naturalismo antidarwiniano de Nietzsche, que, de manera pionera, sustentó el conjunto de impulsos inconscientes asociados al concepto de *Trieb*. Además, se examinan las diferencias en la forma en que cada autor concibe la relación entre instinto, cultura y subjetividad. El diálogo entre Freud y Nietzsche permite esclarecer las raíces científicas y filosóficas del término alemán, posibilitando una comprensión más amplia de las concepciones de “ser humano” y “naturaleza” que impregnaron y moldearon el espíritu de la época, fomentando decisivamente el surgimiento del psicoanálisis como un campo autónomo del saber.*

Palabras clave: Freud. Naturalismo. Nietzsche. *Trieb*.

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Psicologia pela UniAcademia de Juiz de Fora. Mestra em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em História e Filosofia da Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).  
ORCID: 0000-0001-5962-6719. E-mail: zisels@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo utiliza o método de análise teórico-conceitual a fim de ressaltar as semelhanças e dessemelhanças entre as noções substancialmente naturalistas de “instinto” nas obras de Freud e Nietzsche. Tal abordagem contribui para aprofundar o entendimento das raízes filosóficas da psicanálise que, desde Schopenhauer, apontam para a existência de um fundamento instintivo e inconsciente tanto no ser humano quanto na natureza (Assoun, 1991). Para tanto, são analisados os trabalhos nietzschianos publicados em 1872, 1882 e 1887, nos quais as forças naturais são transportadas ao interior do homem, bem como as investigações freudianas de 1895, 1905 e 1915, desenvolvidas em torno do *Trieb*.

Estudos comparativos entre os autores supracitados são populares desde as publicações de Binswanger (1971) e Assoun (1991), que atentam à interpretação do ser humano como criatura da natureza. Contudo, existe, ainda, uma lacuna no que tange à forma como as perspectivas naturalistas de Freud e Nietzsche condicionam, cada uma a seu modo, o uso do termo *Trieb*.

O conceito de *Trieb*, concernente às forças instintuais que impulsionam o sujeito no mundo, refere-se aos impulsos que sustentam a atividade biológica e estabelecem uma ponte entre o psíquico e o somático, constituindo um dos pilares da teoria psicodinâmica do médico e psicanalista vienense Sigmund Freud (1856-1939). Para elucidá-lo, é importante salientar o modo como o contexto científico do século XIX influenciou o surgimento da psicanálise na capital do Império Austro-Húngaro. A corrente psicanalítica, a saber, toma por objeto de estudo o funcionamento da psique, valorizando-a em sua dimensão inconsciente. Por um lado, absorve o naturalismo metodológico, fruto do positivismo da época, atentando-se, mais precisamente, ao exame, diagnóstico e tratamento. Por outro, opõe-se à rigidez científica que predominava sobre a psiquiatria alemã do século XIX, na qual o paciente era esquadrihado e medicado conforme sua patologia, sem ao menos ser escutado.

A nova proposta funde dois elementos: o ideal cultural romântico, voltado à expressão da subjetividade, e o paradigma epistemológico newtoniano, alusivo às explicações mecanicistas sobre a mente. Esse último, a propósito, norteia o raciocínio indutivo recorrente nas pesquisas naturalistas de Stuart Mill (1806-1873), a quem Freud admirava. Acerca do modelo apresentado:

é curioso notar que para Freud este é invariavelmente o da Física, ao menos no manifesto dos seus escritos: é daí que deriva a ideia de forças psíquicas, assim como o constante emprego do termo mecanismo e as inúmeras metáforas mecânicas, hidráulicas e elétricas que pontilham suas descrições do “acontecer psíquico” (Mezan, 2007, p. 341).

O naturalismo freudiano, notado em 1895 no *Projeto para uma psicologia científica* (1971), retoma a conexão examinada, em 1876, por Darwin, entre o desenvolvimento biológico da espécie humana e sua trajetória histórica. A constatação do amálgama ser humano-natureza é corroborada pela afirmação da existência de impulsos inconscientes que dão origem à arte, descritos em 1869, com enfoque cultural, pelo filólogo e filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche.

Nietzsche e Freud percebem a fonte de energia e movimento que permeia os fenômenos humanos, de modo que o *Trieb*, em seus pensamentos, advém da mesma representação de natureza. Todavia, é necessário sublinhar que a filosofia nietzschiana abre as portas para a construção de um naturalismo criativo e antidarwinista, avesso àquele que se aplica à metapsicologia freudiana.

O tipo de naturalismo que encontramos em Nietzsche está visceralmente envolvido não só com questões sobre explicações e origens, mas também com questões acerca dos

processos — e mais especificamente com a identificação e a compreensão dos aspectos qualitativos pelos quais a realidade humana tornou-se algo significativamente diferente do tipo de evento simplesmente biológico que ele supõe que ela tenha sido em seu começo (Schacht, 2011, p. 59).

### FREUD E O NATURALISMO

Freud, assim como os demais pensadores de sua geração, incorpora em suas pesquisas sobre a mente os parâmetros cientificistas das disciplinas naturais, estabelecendo um critério empírico para validar suas observações sobre o ser humano. Arquiteta uma ciência de base naturalista consagrada à escuta clínica, procurando, pelo método psicanalítico, compreender a psique e suas manifestações como fenômenos biológicos. Ademais, interpreta a subjetividade integrada à natureza por associações simbólicas, conforme propunha o romantismo (Assoun, 1983).

As ideias introspectivas dos gênios românticos, como Schiller e Goethe, influenciaram Freud no tocante à ênfase dada à construção do sujeito a partir do próprio desejo. Estas estiveram vinculadas, na teoria psicanalítica, ao evolucionismo de Darwin, que retratava as paixões como motivações biológicas:

Para dizer a verdade, não foi o próprio Goethe quem, apenas por suas virtudes poéticas e metafísicas, converteu Freud à Medicina. Não foi qualquer Goethe que exerceu essa influência em Freud, mas o Goethe darwinizado que o naturalismo forja nessa época (Assoun, 1983, p. 230).

Freud (1996c) declara-se, em sua primeira conferência, um admirador do naturalista Charles Darwin, realizando uma série de alusões a ele. Vale, aqui, recordar que o naturalismo desponta na Europa, na segunda metade do século XIX, consubstanciado pela publicação darwiniana de 1859, *A origem das espécies* (Darwin, 1976). O movimento denunciava, através das ciências e das artes, a instintividade do homem, a agressividade latente sob a máscara civilizatória, a predominância da natureza e o aspecto grosseiro da sociedade moderna, marcada pela exploração da mão de obra.

Estamos diminuindo o abismo excessivamente largo que períodos anteriores da arrogância humana cavaram entre a humanidade e os animais. Se devemos encontrar alguma explicação para os assim chamados instintos dos animais [...], esta só pode ser que eles trazem as experiências de sua espécie com eles para dentro de sua nova existência [...]. A posição do animal humano não seria, no fundo, diferente. Sua própria herança arcaica corresponde aos instintos dos animais, embora seja diferente em seu alcance e em seus conteúdos (Freud, citado por Simanke, 2009, p. 227).

Conquanto, ao longo dos anos, a literatura científica adotada por Freud tenha se revelado eclética, as contribuições darwinianas no campo das ciências naturais fizeram-se basilares à edificação da metapsicologia, inspirando, mediante o afastamento do antropocentrismo e a descoberta dos processos instintivos das espécies, os estudos introdutórios sobre o inconsciente e as limitações da consciência. Dessa forma, o excerto a seguir adverte o leitor a respeito das restrições da consciência, especialmente no que concerne à falibilidade da memória, salientando a importância do método científico:

Por que e de que modo somos capazes de esquecer em geral, e entre outras coisas esquecer experiências que certamente deixaram em nós uma impressão mais profunda, tal como os acontecimentos dos anos mais remotos de nossa infância — isso constitui outro

problema no qual querer evitar impulsos desagradáveis desempenha determinado papel, e, contudo, está longe de constituir a explicação completa. É fato inequívoco que as impressões desagradáveis são facilmente esquecidas. Diversos psicólogos o observaram, e o grande Darwin se impressionava tanto com isso, que tornou “regra de ouro” anotar com cuidado especial quaisquer observações que parecessem desfavoráveis à sua teoria, de vez que se havia convencido de que precisamente elas não permaneceriam em sua memória (Freud, 1996c, p. 49).

Freud, assim como Darwin, examina a evocação das lembranças e suas imprecisões, descrevendo, em 1895, os sistemas neuronais que configuram o aparelho psíquico. Inclui no esquema o fenômeno da consciência que, intermediado pelos signos da linguagem, orbita uma parcela de representações mnemônicas, demonstrando-se, desde então, uma excepcionalidade. Os traços da memória desassociados da palavra não se direcionam, com efeito, ao consciente periférico, sugerindo, como expõe Caropreso (2013, p. 203), “a hipótese de um inconsciente dinâmico, da existência de processos inconscientes e psiquicamente ativos, [não havendo] a hipótese do inconsciente como um sistema específico, a qual só irá aparecer na Carta 52 e desenvolver-se em *A interpretação dos sonhos*”.

Considerando a ênfase concedida por Freud aos elementos fisiológicos que perpassam o psiquismo, faz-se notável a relevância do naturalismo na estruturação dos conteúdos psicanalíticos, como a noção de inconsciente. O pressuposto organicista é melhor explorado em 1895, com a inauguração do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1971). A obra apresenta a metapsicologia freudiana como um campo de estudo aberto às experiências e revisões sistemáticas, procurando elucidar os conceitos-chave da psicanálise, bem como a economia psíquica, incluindo as relações entre consciente e inconsciente.

Isso posto, a influência de Darwin em Freud dá-se, basicamente, por dois vieses: um, que considera o desenvolvimento das potencialidades humanas a partir de processos instintivos; e outro, de ordem metodológica, que ecoa na metapsicologia freudiana (Assoun, 1996). No que tange à perspectiva antropológica, as ideias darwinianas contextualizam a existência das espécies através do tempo histórico e de seu percurso evolutivo, reforçando o mecanismo de seleção natural. Ora, Darwin (1876) entende que o sujeito civilizado contém em si o animal que já fora, integrando-se aos movimentos da natureza pela lógica da adaptação. Freud aprofunda-se na dimensão selvagem suscitada pelo olhar darwiniano, alcançando os marcos do inconsciente do ser humano equilibrados por valores civilizatórios. Utiliza as explicações científicas sem jamais excluir o percurso biológico da vida psíquica do indivíduo, sobretudo em virtude das distinções entre o normal e o patológico, que consideram as inclinações espontâneas do sujeito e a regressão das forças geradoras da libido, doravante explicitada (Freud, 1971).

Freud, por sua vez, talvez tenha sido influenciado por Darwin em um grau muito maior do que aquele que é, em geral, reconhecido, de modo que haveria por aí um caminho para se começar a pensar as peculiaridades do naturalismo psicológico que ele advogou e praticou. Talvez no contexto de uma concepção da natureza como história, o problema de como um ser natural pode vir a ser um sujeito sem deixar de ser parte da natureza — crucial para a superação da dualidade entre as ciências humanas e naturais — possa ser mais bem equacionado (Simanke, 2009, p. 234).

Em relação ao modo como os estudos darwinianos consubstanciam importantes formulações metapsicológicas freudianas, vale ressaltar, segundo Assoun (1996), o aspecto dinâmico-afetivo de ambas as teorias. Darwin observa que a expressão das emoções envolve princípios que remetem o homem à sua ascendência animal, tais como: o hábito (mediante o qual respostas corporais originariamente úteis, como ações musculares, são deflagradas

independentemente da intensidade da emoção precursora); a antítese (na qual uma reação contrária ao estado induzido da mente é automaticamente desencadeada); e a atuação direta do sistema nervoso nas expressões (que ocorre por correspondência, conforme estímulos sensoriais específicos) (Darwin, 2009).

Analogamente, a dinâmica afetiva, em Freud (1971), é investigada não como uma invenção cultural, mas a partir de um fundamento comum à nossa espécie, a saber: o fenômeno psíquico e seu circuito neurológico. A atividade psíquica que permeia o sistema nervoso corresponde aos estados excitatórios, quantificados em Freud (1971) pela lógica da inércia. Assemelha-se a uma enxurrada energética que se descarrega pelos mecanismos musculares, anulando o desprazer e esvaziando as tensões. Sem embargo, os nervos, exortados por agentes externos, respondem reflexivamente, e as fontes endógenas da libido requisitam ações que lhes sejam coerentes, como beber água quando se está com sede. Esse gesto deriva da acumulação de um quantum energético no aparelho psíquico, que mobiliza o sujeito na busca por constância, isto é, por alívio recorrente (Freud, 1971).

Parafraseando Assoun (1996), o centro gravitacional do afeto remete à economia de forças do aparelho psíquico. Com efeito, o epicentro naturalista do psiquismo, explorado pela psicanálise freudiana, alude à economia energética da mente e sua semelhança com os preceitos termodinâmicos do século XIX, segundo os quais a energia determina a grandeza física e o potencial de trabalho. A dinâmica supracitada esboça, desde então, um caminho para se pensar o *Trieb*.

### OS INSTINTOS EM FREUD

A psicanálise freudiana engloba diversas conotações dadas à palavra "*Trieb*" — definida por Hanns (1996, p. 339) como "instinto, força inata de origem biológica, dirigida a certas finalidades" —, cuja tradução para a língua portuguesa faz-se polêmica no âmbito acadêmico. Conforme Simanke (2014), embora o termo alemão corresponda ao substantivo "instinto", boa parte da tradição psicanalítica brasileira, influenciada pela interpretação lacaniana dos estudos freudianos, emula os franceses ao utilizar o conceito de "pulsão", pressupondo uma distinção entre as palavras "*Trieb*" e "*Instinkt*" — esta última traduzida mais diretamente como "instinto" e empregada na biologia para descrever a base do comportamento animal. Pode-se deduzir, a partir disso, que a escolha por "pulsão" representa uma tentativa de afastar o trabalho freudiano das abordagens biologicistas. Todavia, "o termo '*Trieb*' tem sido de uso corrente na biologia de língua germânica desde tempos anteriores a Freud, onde foi empregado para significar o que é usualmente designado como 'instinto' na literatura biológica" (Simanke, 2014, p. 80).

Além disso, em *Psicologia das massas e análise do eu*, obra publicada em 1921, Freud (1998) evidencia que os processos humanos têm raízes comuns aos comportamentos animais, recusando uma distinção categórica entre ambos. Ele enfatiza que impulsos (*Triebe*) ou instintos (*Instinkte*) considerados primários na condição humana, como os de autopreservação, nutrição, sexualidade e sociabilidade, também estão presentes na vida animal. Por isso, embora tenha utilizado o termo "*Instinkt*"

para referir-se aos aspectos hereditários do comportamento animal, ele também afirma que os componentes inatos da ação humana [...] não são essencialmente distintos. Daí a concluir que o *Trieb* freudiano designe a forma específica pela qual o comportamento instintivo manifesta-se nos seres humanos não parece ser um passo excessivamente temerário (Simanke, 2014a, p. 82).

Freud reaproxima os seres humanos da animalidade seguindo a mesma direção de Nietzsche (1999, p. 133), que percebe que "o homem é uma corda atada entre o animal

e o além-do-homem”, compreendendo-o em sua fisiologia. Nesse sentido, o uso do termo “pulsão”, como contraposição ao *Instinkt* dos animais, em vez de “instinto”, merece ser questionado. A saber, Lacan (1985) afirma que o *Trieb* se contrapõe ao ímpeto dos animais e que a sexualidade humana vai além da finalidade biológica, pois o desejo que emoldura as pulsões é sempre atravessado pelo simbólico e pelo reconhecimento do outro, distanciando-se radicalmente do instinto animal, marcado por padrões fixos e regulares. Contudo, Simanke (2014a) reitera que a palavra “*Instinkt*”, concernente à animalidade, possui um correspondente psíquico na obra freudiana e que a busca pelo prazer sexual é uma experiência corpórea carregada de conexões biológicas, que garante os vínculos afetivos indispensáveis à sobrevivência da espécie. Parafraseando Simanke (2014a), em alemão, “*Instinkt*” passou a ser usado na linguagem culta no século XVIII, mas o termo tradicional “*Trieb*” permaneceu comum no uso cotidiano. Como seus significados se cruzam, Freud usa “*Trieb*” em 1905 para falar do instinto sexual em humanos e animais.

Como naturalista, Freud afirma a essência fisiológica do *Trieb*, reconhecendo nos impulsos sexuais uma função favorável à conservação e manutenção das espécies. Porém, na década de 1920, um sentido inédito de instinto é incorporado à sua obra, revelando o embate entre vida e morte. Consequentemente, o impulso agressivo direcionado à condição que antecede a existência é considerado, e o limite entre o orgânico e o inorgânico, a criação e a destruição, é estabelecido (Simanke, 2014b).

De um modo geral, em Freud, os instintos denotam a relação entre o corpo e o aparelho psíquico, mesmo quando o que lhes toca é volver à condição pregressa do ser. Assim, interessa à psicanálise analisar o que se passa na psique humana no momento em que esta é atravessada pela finitude do organismo. Parafraseando Simanke (2014b), é evidente que o criador da psicanálise jamais pretendeu expulsar a Biologia de sua obra; caso contrário, adotaria, sob tais condições, uma justificativa metafísica.

Corroborando a leitura de Simanke (2014a), é perspicaz revisitar Laplanche e Leclaire (1981, p. 285), que descrevem o *Trieb* como a “força constante de natureza biológica que emana de fontes orgânicas”. Ademais, trata-se de uma força ou impulso biológico que fundamenta a libido, situada na fronteira entre o psíquico e o somático, ligada a uma excitação inevitável que impulsiona o sujeito a buscar sua descarga, tendo como origem fontes endógenas. Não por acaso, os ensaios freudianos sobre a sexualidade, publicados em 1905, concedem ao *Trieb* o status de representante psíquico, delimitando as fronteiras entre o mental e o somático (Freud, 1996a).

Já em 1915, Freud (1996b) debruça-se sobre as propriedades erógenas do corpo, verificando a expressão psíquica da excitação sexual. Ele demonstra que a libido se direciona do corpo à psique, conectando as experiências afetivas às sensações prazerosas. Entretanto, a energia que circula em uma representação desagregadora é acumulada junto ao conteúdo impróprio do desejo, recalcado da consciência. A força propulsora da psique humana é, portanto, essa “mola-mestra” que arrasta o sujeito pelo mundo. Quando censurada e deslocada para fins produtivos, a carga concentrada favorece a realização humana. Nesse sentido, a “medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corporal” tem um caráter incessante, como uma “pressão” que persiste sobre o organismo (Freud, 1996a, p. 148).

Realizadas as considerações sobre o *Trieb* e o naturalismo em Freud, tais elementos serão investigados em Nietzsche, cuja obra compõe o contexto histórico alusivo ao desenvolvimento da psicanálise. Para tanto, há de se considerar os aspectos heterogêneos e correspondentes de cada teoria.

## OS INSTINTOS EM NIETZSCHE

O *Trieb* é empregado distintamente por Freud e Nietzsche, embora decorra da linguagem fisiológica do naturalismo alemão do século XVIII. Em termos abrangentes, apresenta-se como potência natural que direciona as ações humanas, tornando-se o núcleo dos desdobramentos históricos na filosofia nietzschiana.

Em 1869, por influência do compositor Wagner, a acepção desabrocha no vocabulário nietzscheano, denotando os instintos mais variados que modelam a cultura, como as manifestações estéticas, musicais e epistemológicas. A partir de 1872, o filósofo alemão resgata o pensamento da Antiguidade helênica, vislumbrando na multiplicidade empírica o estímulo para a transformação: um aglutinado de forças alusivas ao mundo fenomênico. Não por acaso, em 1872, na obra *O nascimento da tragédia no espírito da música* (Nietzsche, 1872), os arroubos inconscientes são tratados como princípios latentes que se manifestam materialmente através das aparências artísticas: “força inconsciente formadora de formas que transparece na criação artística” (Assoun, 1991, p. 98).

As potências criativas são irradiações da natureza e das civilizações, referindo-se ora ao desejo (dionisíaco), ora ao limite das formas (apolíneo). O cerne cosmológico desse pensamento desdobra-se, posteriormente, na complexa disputa de poderes que constitui a metáfora *Der Wille zur Macht*, traduzida como “vontade de potência”. A expressão reflete o caos, a disputa e a transitoriedade da vida, contrariando o âmbito moral e comunicando a necessidade de expansão do poder. É o desejo primordial e inconsciente que norteia o mundo; a potência natural e contínua que impele o sujeito rumo à afirmação da própria individualidade (Nietzsche, 2003).

A colisão das forças descrita é exemplificada no conflito entre o ímpeto racional da ciência e a criação artística. Para Nietzsche, o dionisíaco sustenta a tragédia helênica, possibilitando, junto ao apolíneo, a transfiguração da dor em prazer estético. Todavia, esse devir desaparece quando o otimismo da razão, presente nos pensamentos de Sócrates e Eurípedes, passa a submeter a arte, moralizando seu conteúdo:

Quando o instinto dialético da razão e do otimismo da ciência passa a dirigir a antiga tragédia, empurrando-a para fora de seus trilhos, uma luta eterna entre as perspectivas teóricas e trágicas de mundo é revelada; e, somente após o espírito da ciência ser conduzido ao seu limite e sua pretensão de validade universal ser destruída mediante a comprovação de suas limitações, a tragédia poderá renascer (Nietzsche, 1872, p. 57, tradução minha).

Destarte, a controvérsia do naturalismo nietzschiano reside no fato de o filósofo detectar, na hegemonia científica, o abismo entre o conhecimento e a vida, o qual precisa ser abordado pela ótica do artista. O dilema, contudo, não aflige o naturalismo de Freud, que ajusta facilmente os instintos aos padrões funcionalistas da ciência.

Em suma, Freud interpreta o *Trieb* funcionalmente como investimento energético. Apropria-se das noções econômicas e fisicalistas, interpretando a “pressão” dos instintos como a quantidade de trabalho imposta à psique. Sua acepção é organicista e entrópica: “a raiz do impulso que mantém toda a atividade física” (Assoun, 1991, p. 105). Nietzsche, por outro lado, compreende o instinto como uma potência criadora, abrindo discussões no campo da ética e da estética. A maneira como cada pensador se apropria da ideia de uma força da natureza revela divergências sobre suas visões de naturalismo.

## NIETZSCHE E O NATURALISMO

O espírito naturalista presente na filosofia de Nietzsche contém determinadas características que o distanciam do naturalismo mecanicista que ele mesmo repudia. Primeiramente,

o filósofo opõe-se ao cientificismo e ao determinismo, alegando a insuficiência da razão na produção de saber. Em seguida, assume a multiplicidade da realidade e das vivências humanas como algo tão complexo quanto a própria natureza, indo além das determinações teóricas. Por fim, anexa aos estudos biologicistas contribuições de outras áreas, como Artes, História, Filologia e Literatura (Schacht, 2011).

A crítica do filósofo às ditas “verdades científicas”, que reduzem os fenômenos socio-culturais às leis naturais, não anula o fato de que o seu naturalismo dignifica a ciência, reafirmando a importância das pesquisas fisiológicas:

Na ótica nietzschiana, não se deve colocar a questão do conhecimento em termos metafísicos ou positivistas. Pretender captar essências é ignorar que o ser humano pertence a uma espécie animal determinada; querer apreender coisas é desprezar que atribui sentido ao que o rodeia. Condicionado por sua constituição biológica, o homem só conhece o que precisa para conservar-se. É nessa medida que as ficções com que trabalha lhe são necessárias e conhecer é converter suas relações com o meio num esquema conceitual praticamente útil (Marton, 2010, p. 217).

Ou seja, quando Nietzsche (2001) naturaliza o ser humano, o abjuga tanto das crenças metafísicas quanto da regência de um mundo natural irreal e previsível. Suscita neste as coisas que lhe são próprias: a vontade de cada vivente e os movimentos afirmativos da existência; a colisão de forças que produz energia e modificações em torno da subjetividade.

Freud e Nietzsche não possuem a mesma base naturalista, pelo menos na forma como significam suas respectivas teorias. Se, por um lado, o fundador da psicanálise admite a influência de Darwin, por outro, o filósofo e filólogo alemão desaprova veementemente esse naturalismo. Ele destina críticas contundentes aos ideais darwinistas, não obstante tenha atentado, em sua filosofia, ao aspecto fisiológico da moral e utilizado o método genealógico, regular nos estudos darwinianos sobre as relações biológicas que compõem o mundo (Nietzsche, 2004).

Em *Humano, demasiado humano* (2008b), o filósofo opõe-se à hipótese da luta pela existência presente no pensamento darwiniano, rechaçando a noção de progresso articulada às dimensões da vida social. O biólogo britânico Charles Darwin observa o empenho pela conservação ou preservação da espécie junto ao crescimento dos indivíduos, considerando a ascendência do mais adaptado ou dotado de características vantajosas à sobrevivência. Nietzsche (2008b), porém, afirma que nem mesmo a história, em sua multiplicidade, possui um fundamento teleológico, razão pela qual é desapropriado admitir um sentido progressista para as transformações humanas. Longe disso, contempla na natureza a busca pela expansão do poder. Ademais, argumenta, em *Crepúsculo dos ídolos* (2008a), que não haveria o crescimento das espécies caso a perfeição fosse alcançada.

Segundo Salanskis (2018), transpondo a ideia ao âmbito cultural, Nietzsche entende que a luta pela existência vai na contramão do progresso, uma vez que a vitória predominante é dos mais fracos. Para o filósofo, os mais passivos, dissimulados e fragmentados estão em maior número na sociedade, de modo que o ambiente lhes é mais adaptável. Em vez disso, os fortes, os completos, são a exceção: os que seguem os próprios instintos, criando valores mais condizentes com o dever da existência; os que refletem de forma independente e livre, enfrentando as adversidades e se autossuperando (Nietzsche, 2004).

Vale, contudo, questionar o modo como Nietzsche desloca a tese darwiniana para o campo da ética. Não parece, efetivamente, fazer sentido a oposição do filósofo às noções biológicas de Darwin, que jamais procurou determinar os princípios morais ordenadores da vida humana, mas ressaltar a adaptação e a complexificação como mecanismos de sobrevivência essenciais à evolução das espécies. Parafraseando Salanskis (2018), Nietzsche teria

confundido Darwin com um darwinismo vulgarizado, condenando-o por defender uma ideia de progresso que, sem embargo, não corresponde ao seu naturalismo. Desse modo, não há provas suficientes de que o filósofo tenha, de fato, lido os escritos darwinianos ao tecer suas objeções.

Se não temos certeza que Nietzsche tenha lido os livros de Darwin, o mesmo não ocorre com as obras de alguns neolamarckistas. Sem dúvida, esses estudos biológicos de tendência lamarckista realizados pelo filósofo alemão fundamentaram algumas páginas escritas contra o naturalista inglês (Frezzati, 2001, p. 23).

A forma como Darwin compreende o processo evolutivo abarca inúmeras subdivisões, estando para além da linearidade condenada por Nietzsche. A luta pela existência não deriva tão somente da potência adaptativa, mas também da complexificação dos organismos, que ocorre de maneira dinâmica. Uma diversidade de caracteres, por exemplo, surge nos indivíduos a partir do mecanismo biológico da seleção natural, produzindo novos modos de interação com o meio (Darwin, 1876).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O naturalismo que agrega as investigações biológicas de Darwin procura, desde o começo, explicar as coisas através dos movimentos próprios da natureza. Freud adota, em suas pesquisas, o mesmo critério naturalista, dadas as diversas implicações da vida psíquica, como as psicopatologias. Ainda assim, reconhece a relevância da interdisciplinaridade para a compreensão da subjetividade. Nietzsche, entretanto, rejeita os parâmetros cientificistas e recorre às inúmeras esferas do saber para contemplar, longe das especulações metafísicas, a existência em sua totalidade.

Para o filósofo alemão, o cientificismo é apenas um modo estreito de se representar a realidade, sendo um equívoco julgá-lo como o único meio válido para sua compreensão. Além disso, o caminho destinado à regeneração da cultura germânica e à reformulação da epistemologia moderna estaria na proposta trágica da Antiguidade, que enxergou a ciência através da arte e a arte através da vida.

Eis que, sob a ótica do artista, o real não é atingível, mas interpretado; exprimido de maneira simbólica ou estética, como no sonho. À vista disso, a instituição científica não detém a verdade, razão pela qual o diálogo com outros saberes, sobretudo com as artes, é extremamente vantajoso para a produção de conhecimento. O dogmatismo científico nada promove senão o esgotamento de significado de mundo.

Decerto, a perspectiva médica de Freud demanda maior rigor metodológico diante da importância do exame, diagnóstico e tratamento. Nietzsche, por sua vez, preconiza, como filósofo, a liberdade de pensamento, vivenciando o naturalismo como um experimento; um meio de desconstruir valores culturais, apreciando os impulsos da natureza junto aos ideais helênicos.

Todavia, ambos os pensadores admiram os gregos, incluindo, simbolicamente, elementos mitológicos em suas respectivas teorias. Outrossim, concordam sobre a acepção de natureza, conduzindo-a ao interior do homem de forma abrangente, criativa, destrutiva, conflitante e enérgica, como fonte inesgotável de estímulo e movimento. Suas teses sobre o *Trieb* revelam o mesmo retrato naturalista do ser humano, já que a constatação dos instintos latentes no corpo aproxima-o da animalidade. Apesar de os autores representarem o *Trieb* distintamente, todos salientam as motivações inconscientes das escolhas humanas.

Isso posto, conforme Assoun (1991), enquanto Freud restringe o uso do termo alemão a uma semântica fisicalista, alinhada à sua proposta científica fundamentada em uma linguagem newtoniana, Nietzsche rejeita uma análise econômica do funcionamento dos organismos.

Para ele, os instintos são compreendidos de forma ampla, múltipla e cosmológica, manifestando-se como impulsos criativos que emergem tanto da natureza quanto da cultura, e como forças opostas presentes no corpo, nas diversas áreas do conhecimento e na vida social.

Por fim, o conceito de *Trieb* ocupa um lugar de destaque na crítica de Nietzsche à moral, tanto em suas obras iniciais, nas quais resgata o dionisíaco para restaurar a cultura germânica, quanto em seus escritos posteriores, quando, inspirado pela *vontade de potência*, contrapõe-se ao instinto de rebanho do cristianismo. Nada obstante, Freud jamais se empenhara em desconstruir certos elementos civilizatórios. Profundamente encantado pela antropologia, buscou compreender a humanidade e a sociedade sem a pretensão de corrigi-las. Dessa forma, o *Trieb*, em seu sistema teórico, destaca-se não apenas como ideia, mas como fenômeno essencial ao entendimento do aparelho psíquico e do funcionamento do corpo.

## REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e Nietzsche — semelhanças e dessemelhanças*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Original publicado em 1978)
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. São Paulo: Jorge Zahar, 1996.
- BINSWANGER, Ludwig. *Introduction a l'analyse existentielle*. Paris: Minuit, 1971. (Original publicado em 1947)
- CAROPRESO, Fátima. Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. V. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200002>
- DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Original publicado em 1872)
- DARWIN, Charles. *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. London: John Murray, 1876. Disponível em: [https://archive.org/details/darwin-online\\_1859\\_Origin\\_F373](https://archive.org/details/darwin-online_1859_Origin_F373).
- FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14) (Original publicado em 1915)
- FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise: parte I e II*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 15) (Original publicado em 1915)
- FREUD, Sigmund. *Project for a scientific psychology* [1895, 1950]. Londres: The Hogarth Press, 1971. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud) (Original publicado em 1895)
- FREUD, Sigmund. *Psicología de las masas y análisis del yo*. In: STRACHEY, J.; FREUD, A. (eds.). *Obras completas de Sigmund Freud*. Traducción de J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1998. (Original publicado em 1921)
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7) (Original publicado em 1905)
- FREZZATTI, Wilson. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: Discurso Editorial/ Editora Unijui, 2001.
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *O seminário (livro 20): mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Original publicado em 1972-1973).
- LAPLANCHE, Jean; LECLAIRE, Serge. *L'inconscient, une étude psychanalytique*. In: LAPLANCHE, Jean. *Problématiques 4: L'inconsciente et le ça*. Paris: Presses Universitaires de France, Bibliothèque de Psychanalyse, 1981. p. 261-321.

- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, v. 9, n. 2, p. 319-359, 2007. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v9n2/v9n2a05.pdf>.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Original publicado em 1882)
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Original publicado em 1882)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Original publicado em 1883)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a. (Original publicado em 1889)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*. Leipzig: E. W. Fritsch (Die Rechtschreibung wurde modernisiert), 1872. Disponível em: <https://www.lernhelfer.de/sites/default/files/lexicon/pdf/BWS-DEU2-0076-03.pdf>.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Original publicado em 1887)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres II. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b. (Original publicado em 1878)
- SALANSKIS, Emmanuel. Nietzsche, Darwin e a questão do progresso evolutivo. *Discurso*, v. 48, n. 2, p. 95-107, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2018.150910>.
- SCHACHT, Richard. O naturalismo de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, v. 29, p. 35-73, 2011.
- SIMANKE, Richard. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>.
- SIMANKE, Richard. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 3, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>.
- SIMANKE, Richard. O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 3, 2014b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>.

Artigo recebido: 12 de maio de 2025

Artigo aceito: 7 de agosto de 2025